

APRESENTAÇÃO

Prezados Leitores, Prezadas Leitoras,

A Revista **identidade!** é um periódico online semestral multidisciplinar de livre acesso do Grupo de Pesquisa Identidade da Faculdades EST que versa sobre a questão negra em diferentes contextos. Tem por finalidade ser um espaço de reflexão, promoção e socialização, estimulando o debate por meio da divulgação da produção acadêmica e científica sobre temas relacionados à questão negra nas diferentes ciências.

Nesse volume 27, número 1/2022, apresentamos 11 artigos. São trabalhos de pesquisadores e pesquisadoras que problematizam seus objetos e apresentam suas conclusões nas seguintes seções: *Diversidade e Identidade*; *Religião, Identidade e História*; *Educação, Saúde e Identidade*; e *Arte, Música e Diversidade*. A novidade para 2022 é a nova seção do periódico intitulada *Experiências interculturais na IECLB*, criada para você acompanhar relatos sobre negritude e experiências interculturais realizadas na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil/IECLB. É uma seção específica que será gerenciada pela Coordenação de Gênero, Gerações e Etnias, Secretaria da Ação Comunitária – IECLB.

Na seção *Diversidade e Identidade*, no artigo intitulado **Alteridade, identificação e o acesso a direitos indígenas**, a autora Júlia Beatriz Sousa Guimarães e o autor Marcos Flávio Portela Veras, através de uma abordagem jurídico-antropológica de situações diversas e aparentemente controversas, abordam a experiência de um dos autores de encontro com a alteridade, dentro de um processo de valorização cultural, que faz pensar questões como alteridade, identificação étnica e direitos indígenas. Neste contexto, foi possível perceber como a mudança de perspectivas conceituais e legais pode influenciar as intervenções estatais que envolvem as populações indígenas. Também que, à medida que a dignidade dessas

populações for considerada e seus direitos legais efetivados, mais indivíduos terão a oportunidade de entender melhor sua história e seu pertencimento.

No artigo ***Corpos femininos negros e violência de gênero***, Geisa Hupp Fernandes Lacerda, Rayner Raulino e Silva e Edeson dos Anjos Silva buscam compreender a ótica de dominação e submissão dos corpos negros femininos, partindo das contribuições de Bourdieu (2012), Bourdieu e Chartier (2011), Carneiro (1985, 2002) e Gonzalez (1982, 1984). Através de análise documental, constataram que são as mulheres negras quem mais sofrem com o racismo e com as questões de gênero, de forma que a tonalidade da pele é o seu maior pecado, tornando-as alvo. Assim, concluem que abordar as questões de gênero, cor e raça, bem como as violências simbólicas e físicas, nunca foi tão essencial como atualmente.

Na seção *Religião, Identidade e História*, o artigo ***Leitura bíblica na perspectiva da mulher negra: contribuições para superar o racismo***, através de revisão bibliográfica e análise hermenêutica do texto bíblico, Cleusa Caldeira discorre sobre um pensamento fronteiro denominado de Hermenêutica Negra Feminista que, segundo a autora, surge da experiência espiritual da mulher negra em diáspora, como resposta bíblico-teológica à experiência histórica do racismo, do sexismo e do classismo. Por meio desse exercício interpretativo deseja-se contribuir para a desconstrução do imaginário eurocêntrico que segue legitimando a dominação e o racismo antinegro e, assim, cooperar para a reconstrução de um imaginário despatriarcalizado e antirracista.

O artigo intitulado ***Oh tio, este Jesus nem branco é! Repensando a imagética de Cristo através da cultura visual, um contributo à teologia negra e africana***, do autor Emiliano Jamba António João, considera que, a partir das discussões atinentes à Teologia Negra e à Teologia Africana, a melhor forma para desconstruir e compreender o processo de embranquecimento em torno da figura de Cristo é partindo da história. Contudo, mesmo partindo da história, a resolução deste problema não se mostra fácil pelo fato desta figura transcender igualmente a própria história. É diante deste fato que procura atrelar a teologia à história, acrescentando, obviamente, um outro elemento, denominado de cultura visual, ou, simplesmente,

iconografia. Este terceiro elemento é importante na medida em que foi através dele que se deu a disseminação uniforme da imagética que temos a respeito do Jesus Branco.

No artigo ***Diáspora africana, ancestralidade e a tradição religiosa dos candomblés: (en)cruzilhadas a conhecer***, Claudete Beise Ulrich, Geisa Hupp Fernandes Lacerda, Edeson dos Anjos Silva e Arlete Maria Pinheiro Schubert, apontam para a necessidade de estudar a diáspora africana, a categoria ancestralidade e a tradição religiosa do Candomblé, as suas relações históricas, colocando-se como (en)cruzilhadas a conhecer, objetivando a superação da intolerância religiosa. Ao longo do texto, as autoras e o autor discorrem sobre a diáspora africana forçada e a conseqüente escravização de corpos negros, vindos de diferentes países africanos. Consideram a categoria da ancestralidade como fundamental no processo de resistência às diferentes violências sofridas ao longo da história e a ancestralidade como um conceito amplo, que acentua a importância das relações geracionais e afirma a importância da comunidade.

Com o título ***Aluvaia: epistemologia da encruza dos pés descalços***, a autora Yashodhan Abya Yala aponta que, para adentrar o campo da encruzilhada, morada de Eşú, é necessário respeitar o rumbé. A encruza é intersecção, a partir daí *intersomos* com as Divindades que exercem papel preponderante como referenciais a serem consultados, seguidos, observados. *Interser* e *Sentirpensar* são elementos constitutivos da episteme do terreiro. No terreiro a ciência, hierárquica, é circular. *Intersomos* nos constituindo como pessoas no mundo.

No artigo ***Uma análise da tríade Bantu – umbanda, reinado e candomblé de Angola – no Centro Espírita São Sebastião – CESS***, a autora Zuleica do Carmo Garcia de Barcelos analisa, no mesmo espaço geográfico, o Centro Espírita São Sebastião (CESS), três tradições religiosas afro-brasileiras: umbanda, reinado e candomblé de Angola. A autora busca compreender como essas tradições sobrevivem em um mesmo local sagrado, assegurando e demarcando suas identidades específicas. Identidades já legitimadas por sua historicidade e suas tradições culturais.

Ao final da pesquisa, conclui que foi possível compreender como a identidade legitimada é necessária para assegurar os ritos, a liturgia e a fé de seus seguidores.

Com o título ***E viviam todos em comunhão... Mas nem tanto: memórias sobre comunhão na Assembleia de Deus no período de sua implantação em um quilombo amazônico***, o artigo escrito por Alef Monteiro sintetiza parte da sua pesquisa de mestrado realizada junto a uma congregação da Assembleia de Deus no Quilombo São Pedro, município de Castanhal, Pará, Brasil. Utilizando-se dados etnográficos oriundos dos registros de diário de campo, conversas informais com moradores e moradoras a respeito do assunto e entrevistas semiestruturadas realizadas com seis pessoas envolvidas na fundação da igreja, o autor descreve, panoramicamente, as memórias sobre a comunhão da igreja durante sua implantação na comunidade (1961-1991) e tece algumas observações historiográficas sobre a memorização do momento histórico em questão. O autor conclui sua pesquisa indicando que dois tipos de versões se destacam: uma heroica/celebrativa e outra obscena, sendo que as versões coexistem e aparecem em espaços e momentos específicos do convívio social.

No escrito ***Anaclea Pires Da Silva: corpo, re(existência) e território quilombola como um acontecimento que eclode na defesa da vida digna na América Latina***, a autora Dayanne da Silva Santos e o autor Julio Itzayán Anaya López compartilham uma entrevista com Dona Anaclea, onde ela mesma vai fazendo análises sistêmicas e cotidianas sobre autonomia, resistência e cura diante de uma sociedade marcada pelo mito da democracia racial e pelo racismo. O texto quer mostrar como mulheres negras estão desde a margem fazendo o uso político do corpo para existir diante do paradigma da exclusão racial no Brasil. É nesse contexto que a entrevista apresenta a fala de D. Anaclea, nascida da força da encantaria, da luta por territórios livres e em território atravessado pelas logísticas dos projetos desenvolvimentistas, o território quilombola Santa Rosa dos Pretos, no município de Itapecuru-Mirim, estado do Maranhão, Brasil.

Na seção *Educação, Saúde e Identidade*, o artigo intitulado ***A educação escolar quilombola numa encruzilhada***, dos autores José Bezerra da Silva e

Anderson de Alencar Menezes, analisa a educação escolar quilombola visitando características básicas: território, memória, ancestralidade, identidade e cosmovisão africana, com o intuito de reaver a quilombagem enquanto prática radical contra a escravidão e posteriormente contra todas as formas de opressão investida sobre a população afro-brasileira quilombola. Com o intuito de situar a população quilombola no cenário da educação brasileira, bem como descrever a educação escolar quilombola e suas características, os autores buscam conceituar a quilombagem destacando a sua relevância para o contexto social atual, marcado por perseguição estatal e consequente privação de direitos. Os autores se propõem responder: de que maneira a educação escolar quilombola contribuirá com o ressurgimento da quilombagem?

Na seção *Arte, Música e Diversidade*, o artigo de Lúcia Jacinta da Silva Backes, intitulado ***História(s) e (in)visibilidade(s) negras: potência da arte***, discute o racismo a partir das lentes da arte, entendendo-a como possibilidade de reflexão sobre lembranças de escola em articulação com o ensino e a aprendizagem da história do Brasil. A reflexão se dá a partir da letra da composição musical “Cota não é esmola”, de Bia Ferreira, cuja construção analítica tem como referências estudos que discutem questões raciais, como os de Lília Schwarcz, Chimamanda Ngozi Adiche, Silvio Luiz de Almeida, Florestan Fernandes, entre outras contribuições de cunho poético-literárias. A autora reflete sobre a potência da combinação entre política pública e a força da arte.

Na seção *Experiências interculturais na IECLB* apresentamos dois *releases*. No primeiro, o Pastor Günter Bayerl Padilha compartilha uma apresentação da obra ***Petit Haïti: haitianos em Itapema (SC)***, que é resultado da convivência de seis anos com as pessoas oriundas do Haiti. O autor aborda a imigração haitiana para o Brasil como sendo parte integrante das migrações transnacionais e analisa as razões e motivações que levam haitianos e haitianas a optarem por migrar e, também, quais as estratégias utilizadas para deixarem o Haiti até se integrarem à sociedade local. O autor considera a leitura deste livro um caminho pelo qual as pessoas possam trilhar

para compreender melhor os aspectos da migração haitiana para o Brasil e, assim, se sensibilizarem com todas as pessoas que migram em busca da vida digna.

O segundo *release* refere-se ao *Curso de Sensibilização para a Superação e Prevenção do Racismo*, cujo objetivo foi de contribuir com a edificação de comunidades mais acolhedoras e abertas à diversidade étnico-racial, bem como fortalecer o compromisso da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) com a superação do racismo, conforme está expresso nas suas Metas Missionárias 2019-2024, especificamente nas metas 3 e 4: “promover a formação sobre comunhão diante da diversidade étnica cultural, social e de gênero” (Meta 3) e “equipar e apoiar as lideranças de todas as instâncias da igreja para que compreendam, se expressem e atuem contra a discriminação por raça, gênero, deficiência, orientação sexual e condição social” (Meta 4).

Agradecemos as parcerias, as autoras e autores que se dispuseram a oferecer seus textos para submissão, avaliadores e avaliadoras, bem como a Coordenação de Gênero, Gerações e Etnias, Secretaria da Ação Comunitária – IECLB pela confiança e parceria para a criação da seção *Experiências interculturais na IECLB*.

Desejamos a todos e a todas uma boa leitura.

Profa. Ma. Selenir C. Gonçalves Kronbauer
Editora